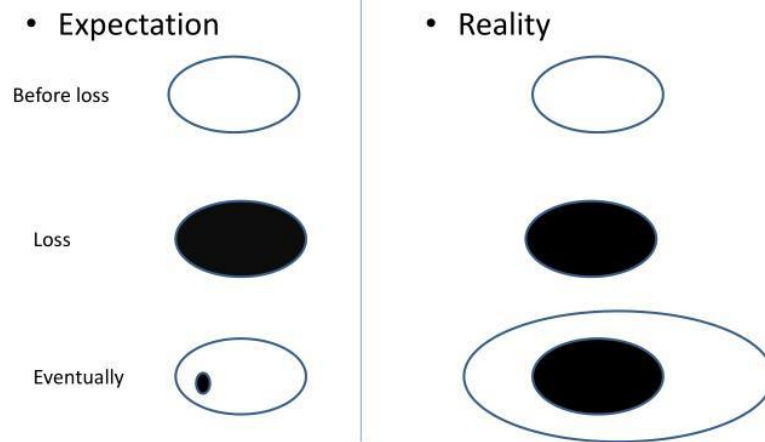


Lois Tonkin – Growing around grief



E SE O TEMPO NÃO CURAR TUDO?

As implicações práticas do modelo de luto de Tonkin

No seguimento da recente norma da DGS sobre intervenção em luto prolongado de adultos, o nosso grupo gostaria de realçar um modelo internacional de abordagem que, embora pouco recente, informa a prática clínica em muitos países, incluindo o Reino Unido.

Na sua essência, o modelo de Tonkin defende que “o tempo não cura tudo”. Quando sofremos uma perda é difícil reconhecer que exista vida para além dessa luta que estamos a travar. Assim, no tempo que sucede a esta perda, Tonkin defende que vamos crescendo ao redor da mesma até que, eventualmente, a pessoa que somos torna-se maior do que o luto em si e este deixa de dominar a vida de todos os dias.

Explica-se assim que o luto não deixa de existir, os aniversários sem a pessoa que amamos não se tornam menos dolorosos, nem as suas ausências menos sentidas. Pontualmente, a perda parece ser tão recente, tão profunda causando impacto similar ao que causou no primeiro dia, no primeiro minuto, no segundo em que se tornou realidade.

O que este modelo acrescenta é a possibilidade de nos reinventarmos, transformarmos e descobirmos forças e competências sócio-emocionais e de superação que não sabíamos que tínhamos quando aprendemos a (con)viver com ele.

Aplicar este modelo no nosso dia-a-dia, com as famílias enlutadas, permite-nos levá-las a encarar o luto como uma experiência transformadora, geradora de insights acerca de si próprios, dos outros e do mundo que os rodeia.

Ao falar de luto falamos cada vez mais de perda de capacidades físicas, de perda de papéis, de perda de identidade e este modelo permite-nos também trabalhar essas perdas com os nossos doentes. O seu uso permite que possamos intervir em cuidados paliativos e mostrar que é possível reconstruir-se ao redor da perda, reinventar-se, descobrir novas formas de olhar a vida.

Como em todas as temáticas em que existem diversos modelos explicativos, convém salientar que “one size does not fit all”. Assim, o Modelo de Tokin poderá ser benéfico para intervenções universais e intervenções seletivas, mas não será o mais adequado para intervenções indicativas.

Os contactos com famílias enlutadas 3 dias após morte e a monitorização passado um mês, como defendido pelo modelo de intervenção diferenciada no luto prolongado – e praticado pelas nossas equipas no Reino Unido - são momentos cruciais não só para avaliar a necessidade de intervenção e que estrutura e/ou profundidade devem as mesmas ter, mas também modelo será mais adequado para a pessoa/família em questão.

Grupo de Participação Internacional